

REVISTA DE LIVROS

BOOK REVIEWS

(2011) **AVELINO DE FREITAS DE MENESES, *ANTIGAMENTE ERA ASSIM!***
ENSAIOS DE HISTÓRIA DOS AÇORES.
PONTA DELGADA, PUBLICOR EDITORES.

José Guilherme Reis Leite – Instituto Histórico da Ilha Terceira, Ladeira de S. Francisco. 9700 Angra do Heroísmo.

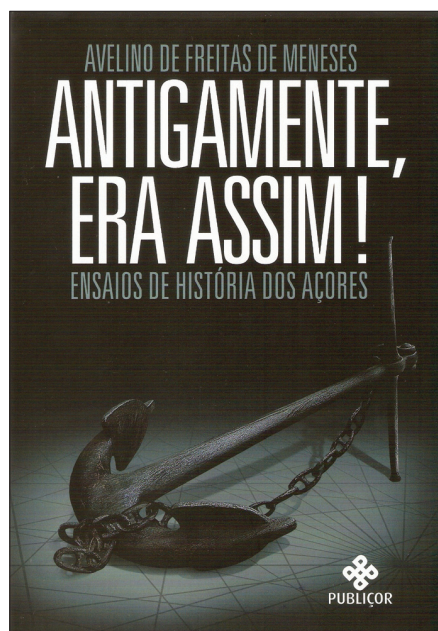
Avelino de Freitas de Meneses, terminado em profícuo reitorado de oito anos na Universidade dos Açores, decidiu voltar à ribalta da investigação histórica com a publicação desta coletânea de ensaios de História dos Açores, em jeito de balanço da sua notável contribuição para a historiografia insular a partir de 1995, ano em que reuniu em livro o seu labor de historiador.

Avelino Meneses é hoje uma personalidade com pergaminhos formados na historiografia universitária portuguesa e o seu nome é respeitado e admirado entre os modernos historiadores nacionais pela probidade dos seus estudos, da sua reflexão e da sua ação em prol da cultura histórica. Não há universidade, nem centro de investigação que não lhe reconheça estes méritos e não deseje a sua colaboração.

O livro, com uma comovente dedicatória à memória do pai, tem um sentido de modéstia de quem vem prestar contas da sua atividade o que é também por si um ato de cidadania que deve ser louvado e merece um agra-

decimento da parte de um público interessado nestas questões de história insular e atlântica, que muito beneficia com este conjunto de ensaios e estudos que têm entre outras virtudes a que os torna um campo de reflexão, teorização e exemplo de método para se escrever a História.

Quando se poderia pensar que os oito anos que o absorveram na pesada



missão de dirigir a Universidade dos Açores representassem uma paragem na investigação e na produção historiográfica, aconteceu o contrário. As suas novas tarefas foram antes incentivo, sobretudo de reflexão da açorianidade e do sentido do papel dos Açores nos caminhos da sociedade portuguesa e do mundo atlântico e a história, como ele próprio confessa, um amparo e uma porta de inspiração para a sua tarefa. Alguns dos mais interessantes estudos desta coletânea refletem isso mesmo e transformam-se numa lição de como a cultura é sempre o mais seguro dos alicerces para a primeira das obrigações da condição humana, a indeclinável obrigação de se viver com dignidade e sentido de partilha, ou numa palavra a obrigação de se ser cidadão.

É um consolo constatar-se que alguém venha a público afirmar que vive com alegria as tarefas que as condicionantes que cada momento lhe impõe e que encontra nas áreas que escolheu, como raízes da sua cultura, a inspiração e a força para o desempenho da sua missão.

Os tempos de cepticismo e de apregoadada crise de valores que vivemos apontariam em sentido contrário mas isso também faz deste livro um importante testemunho e um incentivo para se navegar na contra corrente. O êxito do reitorado de Avelino Meneses, os fundamentos teóricos e culturais em

que se apoiou para as decisões que teve de tomar são exemplarmente inseridos nos seus estudos de reflexão sobre a sociedade açoriana, o significado dos caminhos trilhados na política, na administração, na economia e na cultura das ilhas. É bem verdade que sem um pensamento estruturado, sem um conhecimento aprofundado e alicerçado em bases culturais dificilmente se podem tomar decisões acertadas como aquelas que o reitor Avelino Meneses tomou sucessivamente, para que a Universidade dos Açores seja um dos pilares do progresso dos Açorianos.

O novo livro de Avelino Meneses abre com aquilo que o autor modestamente intitula “Nota Prévia”, mas que em boa verdade é uma reflexão acerca do papel da História na vivência dos povos e contributo insubstituível para nos conhecermos. Sem a história, acredita o autor, não haverá nunca a possibilidade de nos realizarmos. Diz e bem Avelino Meneses que a investigação sobre o nosso passado não nos obriga a estudos de história local (no sentido depreciativo do termo) mas que antes as circunstâncias do nosso mundo insular nos impõe um “cruzamento de metodologia e de perspetivas, que consorcia o local com o universal”.

Esta verdade deve pois orientar a investigação e a produção historiográfica açoriana e a Universidade dos

Açores tem por obrigação adotá-la como lema, como o próprio autor tem aliás feito e transmitido com inusitada convicção contribuindo assim para a consolidação de uma “historiografia açoriana” um dos temas abordados nesta coletânea.

A leitura desta “Nota Prévia” serve também como guia seguro para se compreender o âmago deste livro que está longe de ser uma mera recolha de estudo ocasionais de história dos Açores, pois é sobretudo uma coletânea de ensaios com um fio condutor que os torna intelegíveis como um contributo para se conhecer efetivamente os Açores dos nossos dias, herdeiros de 5 séculos de vivência em ilhas do Atlântico Norte e eles indispensáveis na história desse oceano como ligação das civilizações e culturas. A universalidade da nossa condição realça-se com clarividência precisamente nesta circunstância.

A historiografia tratando do passado não deixa, como os estudos de Avelino Meneses bem o provam, de ser uma reflexão sobre o presente. Os temas eleitos pelo autor para estudar

o passado são indubitavelmente os temas do nosso presente e por isso são as preocupações dos dias que vivemos.

A história de contributo açoriano para a colonização do Brasil, a história dos caminhos da economia açoriana ao inserir-se na economia atlântica, a história da demografia do séc. XVIII, ou mesmo a história da política imperial europeia e do papel das ilhas como pontos estratégicos das sucessivas potências marítimas não deixam de se referir aos séculos XV, XVI ou XVIII, mas são sobretudo temáticas de compreensão dos nossos dias e é isso a lição primeira e o êxito deste novo livro de Avelino Meneses.

É um livro que interessará decerto a todos. A nós açorianos como porto seguro para compreendermos o que somos e porque somos assim e não de outra maneira, aos portugueses em geral para interiorizarem o papel das ilhas na compreensão de Portugal e aos estrangeiros, como reflexão da universalidade construída a partir do particular e do local. JOSÉ GUILHERME REIS LEITE